

O ARQUIVO EM (RE)CONSTRUÇÃO: DIÁRIO DE PROCESSO – 1

THE ARCHIVE UNDER (RE)CONSTRUCTION: CREATIVE PROCESS DIARY – 1

MARIA ILDA TRIGO¹

ISSN: 2175-2346

1 ildatrigo@hotmail.com

Este ensaio visual pretende se constituir num brevíssimo panorama de meus registros de processo, realizados sistematicamente desde março de 2014. Fundamentais para a pesquisa que realizo com o acervo fotográfico de minha família há mais de dez anos, aqui apresento algumas páginas do primeiro diário. Elas cobrem um período de aproximadamente quatro meses de pesquisa (março a julho de 2014) e dão provas de uma tomada de consciência cada vez maior em relação ao arquivo e à fotografia. Além disso, possibilitam identificar a diversidade de questionamentos comportados pela pesquisa em arte.

A importância dos documentos de processo para a compreensão do fazer artístico é inegável. Eles inserem-se numa proposta de metodologia de pesquisa que leva em consideração os pormenores (MOLES, 2010, p.93), os detalhes, numa atitude que visa a sistematicamente “recuperar” – a por em evidência – ‘fenômenos’ nesta desordem de pequenos mistérios [...]” em que se constitui a pesquisa, ou o processo criativo em geral (*Idem*, p. 95). Além disso, permitem compreender a “tessitura do processo criativo” (SALLES, 1998, p.13), constituindo-se em chance de contato com o pensamento criador no momento mesmo de sua gênese, sem o filtro de uma elaboração final. Com isso, oferecem chaves de leitura da obra às quais não se teria acesso sem eles e, na prática, têm me permitido perceber as reincidências, as persistências, as obsessões temáticas e formais que movem o processo.

Essas pequenas obsessões inserem-se numa obsessão maior: pelo arquivo – especificamente o arquivo (analógico) de fotografias de minha família, que tem se mostrado terreno fértil para a uma série de desdobramentos, dos quais os registros de processo também dão conta. Embora esse processo, já bastante longo, tenha dado origem a uma série de projetos, inclusive o que agora desenvolvo, por ocasião do Mestrado em Artes Visuais¹, optei por apresentar registros do primeiro diário, por considerar que eles correspondem a um momento bastante significativo da produção: aquele que marca a passagem de um fazer caracterizado pela ingenuidade em relação aos arquivos e a descoberta de potências insuspeitadas em sua materialidade, principalmente aquelas que dizem respeito ao fotográfico.

Cada uma das imagens do presente ensaio revela um aspecto desse fazer, uma das obsessões citadas anteriormente. A primeira delas (Fig. 1) destaca o poder do arquivo, concebido como “outro”, cheio de força, que exige de quem o confronta estratégias de contato. Essa foi a primeira – e talvez mais importante – descoberta em relação aos arquivos: eles não são apenas “depósitos” de imagens, como eu acreditara. Sua singularidade expande-se para além das fotografias que reúne, incluindo a estrutura de poder neles ancorada (FOUCAULT apud. ASSMANN, 2011, p. 371) e que se oferece como alteridade.

Arquivos exigem estratégias. Uma delas, a higienização do acervo, é o tema da segunda imagem (Fig. 2). A despeito de ser um procedimento aparentemente frio, de ordem prática, limpar as fotografias antes de sua digitalização constituiu-se num momento de extrema importância: o resgate dessas fotos, antes esquecidas numa gaveta, e que agora, limpas, podiam dizer a que vieram. Mostravam-se em sua inte-

¹ O projeto intitula-se *Tua pele, tuas palavras: o arquivo de fotografias de família numa visão intermediária* e consiste numa instalação multimídia composta por diversas camadas, a saber: projeção de imagens do arquivo; projeção a laser de frases extraídas desse mesmo arquivo; ambiência sonora constituída por ruídos e trechos de canções de ampla divulgação pela mídia massiva entre as décadas de 1960 e 1980.

gridade possível, o que incluía as marcas do tempo. Limpá-las exigiu tempo, demora sobre elas. Atenção a seus detalhes, que escapavam ao olhar apressado.

Nesse contato, entre o prático e o transcendente, começou a se dar uma série de reflexões sobre a natureza da materialidade com a qual me confrontava. O potencial explosivo que se revelava em cada uma daquelas fotografias – pequenos átomos de que se formam as vivências de que o arquivo pretende dar conta – assemelhava-se à força observável no mundo subatômico: o infinitesimalmente pequeno, que nos constitui (Fig. 3).

A essa experiência de encantamento em relação ao arquivo fotográfico, de caráter epifânico, seguiu-se outra, muito menos afirmativa: a percepção de que fotografias mentem, de que a alegria da qual são provas não passa de encenação (Fig. 4). Mas essa espécie de desilusão, ocorrida após intensa euforia, não significou a diminuição do interesse pelo arquivo, como seria de se supor. Ao contrário, a consciência dessa “face oculta” das fotografias implicou a necessidade de pensá-las de outra maneira: menos ingênua e apaixonada, mas não menos interessada. Interesse que se deslocou do deleite que sua fruição proporcionava para a complexidade de algo que se colocava entre a sinceridade e a mentira, entre a possibilidade de experiência e a frieza advinda de objetos reificados.

Conforme já dissemos, lidar com materialidade complexa como essa exige estratégias, que não se limitam a procedimentos de ordem prática, mas incluem a busca por referências de diferentes ordens – conceituais, visuais, literárias, entre outras. É preciso fazer aproximações. Tentar compreender a que esfera de experiência o trabalho com arquivos fotográficos nos impele. Esse é, a meu ver, o único meio possível de eles se tornarem matéria viva nas mãos do artista. Essa experiência encontra eco em outras, por exemplo, as descritas por pensadores e artistas.

E foi buscando essas proximidades que encontrei as fotos de Alice Liddel (Fig. 5) retratada por Lewis Carroll ora como maltrapilha, ora como a menina aristocrática que era, seus retratos pareciam encarnar a ambiguidade inerente ao meio fotográfico: a possibilidade da mentira e da verdade entremeando-se, desafiando quem com ele lida. E, portanto, povoando os arquivos, mar de imagens em que se vislumbra contingência de encontro e, ao mesmo tempo, de confusão. Calmaria e turbulência.

Mas o fazer arte não se limita ao lidar com uma materialidade específica. Tampouco à execução fria de um projeto único. Há digressões, desvios. Todos eles importantes, já que fazem parte do amplo panorama em que uma poética toma corpo. As anotações realizadas no dia 5 de junho são exemplo disso (Fig. 6). Elas encerram uma série de pensamentos, confabulações mais gerais sobre um olhar-fazer dialético, que se configura como via de mão dupla e permite se contaminar pelo que é olhado. Esses pensamentos acabariam por guiar meu interesse para autores e leituras de viés fenomenológico, em que a experiência é concebida como troca e contaminação entre o que vê e o que é visto.

Acompanhar o processo criativo de determinado artista significa também perceber que se está diante de obra hipoteticamente interminável. Pois ele lida, senão com o infinito, com o infinitamente desdobrável; com o que pode recriar-se a todo momento. Pois uma ideia ingênua, em estado seminal, uma intuição – digamos assim

– gera uma série de desdobramentos, de novas ideias que ampliam e complexificam a primeira. Exemplificando com o processo do qual tratamos aqui, significaria dizer que a impressão inicial de que o arquivo fotográfico guardava uma potência confirma-se a cada nova anotação, que mostra uma nova face dessa potência. Surgem, portanto, reflexões derivadas (Fig. 7), que são a um só tempo reafirmação e expansão daquela ideia primeira.

Assim, segue o processo: entre desistências e retomadas (Fig.8), entre cansaço e a reafirmação de que nenhuma materialidade é escolhida ao acaso. Lidar com ela é elucidar e ao mesmo tempo ampliar o mistério de que ela é devedora. E do qual os escritos processuais dão provas.

Assim eles se configuram como reconstrução constante do objeto de pesquisa – no caso, um arquivo fotográfico – e, ao mesmo tempo, como a construção de um arquivo em si, aberto a futuras visitas que pretendam sondar os caminhos percorridos pelo artista na concretização de sua vontade formativa (PAREYSON, 1993, p. 43).

16/ mar/2014 - DOMINGO

Arquivo - estratégias de contato

USAR NO LUGAR DE PROCEDIMENTO

é + bidirecional
leva o outro em
consideração
JOGO.

unilateral /
lembra wikipe
deixa o outro
passivo

ARQUIVO
COMO
O OUTRO.

→ aquilo que se apresenta
p/ mim. Não sou eu, mas
posso me enxergar
nele

freqüente
Edward
mais de pesquisa

Walmor B. Corrêa

livro
eletrônico
mas livro
mais tablet.

Obs.: forma de apresentação :: pensa em HÍBRIDOS

Fig. 1'

20/mar/2014

deu cap.3 do livro Dados fotográficos
Phillipe Dubois (O corte)



ANTES



DEPOIS

Leitura. Arte em pesquisa.



FOTOS HIGIENIZADAS

Ainda que sutil,
a diferença de nitidez
entre uma imagem e
outra me interessa. De-
pois da limpeza, e rebrun-
do aquilo que nos pertenc-
e a ela - pois, sujeira,
posso ter um contato real
com aquilo que restou da-
quilo que se perdeu. (Souza)

Fig. 2²

10/abr./2014 (quinta)

Por que a comparação com o mundo subatômico?

GOSTO DAQUILO QUE ESTÁ NA INVISIBILIDADE

|

E SEU POTENCIAL EXPLOSIVO

A POTÊNCIA DAQUILO QUE ESTÁ NA INVISIBILIDADE.

|

E AO MESMO TEMPO NOS

CONSTITUI

A comparação do trabalho com arquivos e a física quântica pode parecer estranha, à primeira vista, mas ela se explica pelo meu interesse por aquilo que está na invisibilidade e ao mesmo tempo nos constitui.

O PIXEL!

→ PLASTICIDADE DA IMAGEM FOTOGRÁFICA

Definitivamente, muitas imagens foram feitas p/ o ecrã.

Fig. 3³

25/abr./2014

A ENCENAÇÃO DA ALEGRIA

→ Iscaramento de imagens.

→ fichamento Martins.

Ideias perturbadoras (1)

Encunçabilidade do
pensar aiativo.

"A fotografia é uma das grandes expressões da desumanização do homem contemporâneo". p.23

ENTÃO COMO VOU BUSCAR RESTOS DE VIDA
EM ALGO QUE É, EM SI, REIFICADO.

" (...) a fotografia é muito mais um documento impregnado de fantasia, tanto do fotógrafo quanto do fotografado"

A fabulação não está apenas na recepção, mas tb na produção. Isso torna inútil a busca por qualquer VERDADE ou ESSÊNCIA.

O que pode restar desse processo?

Desilusão / melancolia

que já está em
si fadado ao
fascínio

Fig. 4⁴

08/mai./2014 (6.ª)

"Fazer arte é fazer uma coisa deixando aparente o processo de fantasia". Tunga



- 1- [Alice Little] The beggar maid
- 2- Alice Little dressed in her best outfit

"O único modo de fazer de fotografia um espelho é atravessar o espelho (...)"

Mantm, p. 55



Fig. 5⁵

5/jun./2014 (1)

MIRA POÉTICA

ZONA DE CONTATO

FRAGMENTO DE TEMPO EM QUE O OLHAR E O QUE É OLHADO ENCONTRAM-SE. ROÇAM-SE. ROÇAM SUAS PELES.

ENCAIXAM-SE.

FRAGMENTO DO ESPAÇO-TEMPO

MOMENTO CALMO-TENSO QUE ANTECEDE O ENCONTRO-ATAQUE.

DESEJO DE POSSUIR QUE MUITAS VEZES GERA A MORTE
MIRA POÉTICA É TUDO ISSO, MAS QUER FAZER VIVER
O QUE É OLHADO.

NA ÂNSIA DE QUERER FAZER VIVER TB PODE MATAR?

O QUE É MIRADO TEM TANTO PODER QTO QUEM MIRA
O OLHAR TB É ALVO.

CONTAMINA-SE DAQUILO QUE OLHA.

MIRA É DANÇA. FAZER-SE JUNTO.

ALIMENTAR-SE DAQUILO QUE É MIRADO.

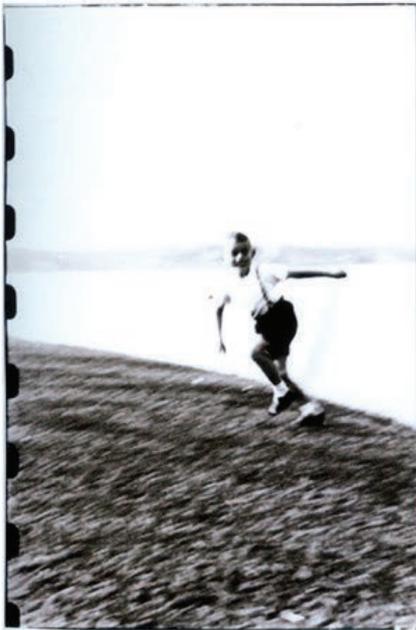
É ANTROFÁGICO. NASCE UM OUTRO
É DIALÉTICO DO EMBATE ↑

DEVORAR PARA POSSUIR. OSWALD
DEVORAR PARA CONHECER.

MIRA POÉTICA

Fig. 6⁶

02/08 jul/2014



Estado de exceção
 Rosângela Rennó, 1988
 Da série Pequena Escala.
 questão da imagem

Fichamento de leitura realizada em novembro p/ o seminário "Apropriação".

Cópia e apropriação da obra de arte na modernidade - Susana P. Marques

no caderno de Referências.

i
Reflexões derivadas:

- Desejo de habitar o lugar do ilusório.
- virtualidade da imagem: outro espaço - o espaço do sonho.

Fig. 77

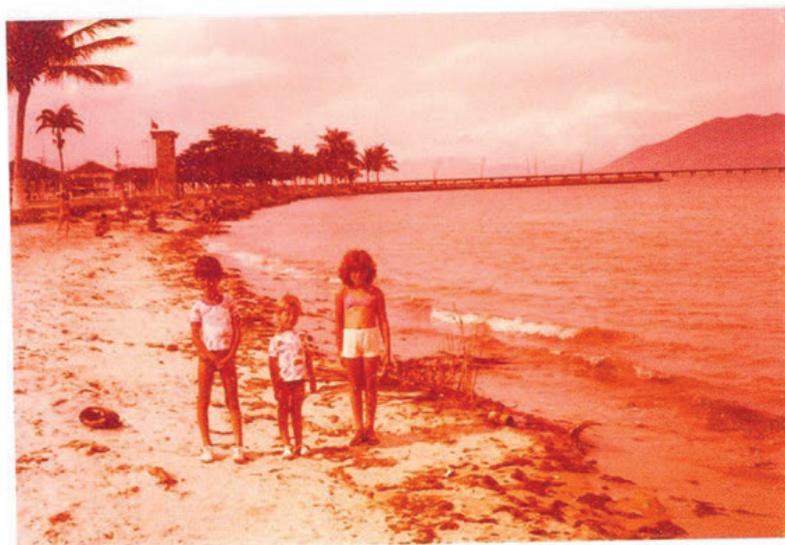
07/jul./2014

Higienização de fotos (punches 2)

Digitalização.

Pela 1.^a vez desde o início do processo tive vontade de parar o escaneamento da totalidade de imagens e partir para uma seleção. Me arrependi de pronto, qdo dei de cara com esta imagem. Uma imagem de qual eu não me lembrava e que me pegou de pronto.

Acho que ela diz tudo absolutamente tudo o que eu quero dizer sobre meu arquivo.



palavra-chave: isolamento (de certa forma fotografar é isolar)

Fig. 8⁸

Referências bibliográficas

ASSMANN, A. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

SALLES, C. A. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: Fapesp/Annablume, 1998.

MOLES, A. *A criação científica*. São Paulo: Perspectiva, 3.ed, 2010.

PAREYSON, L. *Estética: teoria da formatividade*. Petrópolis: Vozes, 1993.

Notas de fim

1 16/mar/2014 – Domingo
Arquivo – estratégias de contato
Usar no lugar de procedimento (unilateral / lembra cirurgia; deixa o outro passivo)
É mais bidirecional; leva o outro em consideração; jogo
Arquivo como outro – aquilo que se apresenta para mim. Não sou eu, mas posso nele me enxergar.
Obs.: forma de apresentação: pensar em híbridos
Edward mãos de tesoura (traquitana).
Walmor B. Corrêa.
Livro eletrônico, meio livro, meio tablet.

2 20/mar/2014
Ler cap. 3 do Livro *O ato fotográfico*
Phillipe Dubois *O corte*.
Fotos higienizadas: antes/depois
Ainda que sutil, a diferença entre uma imagem e outra me interessa. Depois da limpeza, e retirado aquilo que não pertence a ela – pó, sujeira, posso ter um contato real com aquilo que restou daquilo que se perdeu. (Soulages).
Leitura Arte em pesquisa

3 10/abr./2014 (quinta)
Por que a comparação com o mundo subatômico?
Gosto daquilo que está na invisibilidade
E seu potencial explosivo
A potência daquilo que está na invisibilidade
E ao mesmo tempo nos constitui

A comparação do trabalho com arquivos com a física quântica pode parecer esdrúxula, à primeira vista, mas ela se explica pelo meu interesse por aquilo que está na invisibilidade e ao mesmo tempo nos constitui.

Plasticidade da imagem fotográfica – o pixel!

Definitivamente, minhas imagens foram feitas p/ o ecrã.

4 25/abr./2014
A encenação da alegria
- escaneamento de imagens
- fichamento Martins
Ideias perturbadoras – 1 (encruzilhada do processo criativo)
“(…) a fotografia é muito mais um documento impregnado de fantasia, tanto do fotógrafo quanto do fotografado”
A fabulação não está apenas na recepção, mas tb na produção. Isso torna inglória a busca por qualquer verdade ou essência.
O que pode restar desse processo? Que já está fadado ao fracasso
Desilusão / melancolia

5 08/mai./2014 (6ª)

“Fazer arte é fazer uma ficção deixando aparente o processo de fantasia.” Tunga

1 - [Alice Liddel] *The beggar maid*

2 - Alice Liddel dressed in her best outfit

“O único modo de fazer da fotografia um espelho é atravessar o espelho (...)”

Martins p. 55

6 5/jun./2014

Mira poética

Zona de contato

Fragmento de tempo em que o olhar e o que é olhado encontram-se. Roçam-se. Roçam suas peles.

Encaixam-se.

Momento calmo-tenso que antecede o encontro-ataque.

Desejo de possuir que muitas vezes gera a morte

Mira poética é tudo isso, mas quer fazer viver o que é olhado.

Na ânsia de querer fazer viver tb pode matar?

O que é mirado tem tanto poder qto quem mira

O olhar tb é alvo.

Contamina-se daquilo que olha.

Mira é dança. Fazer-se junto.

Alimentar-se daquilo que é mirado.

É antropofágico. Nasce um outro do embate

É dialético

Devorar para possuir – Oswald

Devorar para conhecer.

Mira poética

7 02/jul/2014

Fichamento de leitura realizada em novembro para o seminário “Apropriação”.

Cópia e apropriação da obra de arte na modernidade – Susana L. Marques.

No caderno de Referências.

Reflexões derivadas:

- Desejo de habitar o lugar do ilusório.

- virtualidade da imagem: outro espaço – o espaço do sonho.

Estado de exceção.

Rosângela Rennó, 1988

Da série *pequena ecologia da imagem*.

8 07/jul./2014

Higienização de fotos (pranchas 2).

Digitalização

Pela 1ª vez desde o início do processo tive vontade de parar o escaneamento da totalidade de imagens e partir para uma seleção.

Me arrependi de pronto, quando dei de cara com esta imagem. Uma imagem da qual eu não me lembrava

e que me pegou de pronto.

Acho que ela diz tudo absolutamente tudo o que eu quero dizer sobre meu arquivo.

Palavra-chave: isolamento (de certa forma fotografar é isolar)